

# O alinhamento da TI aos negócios favorece as vendas

**N**O ANO PASSADO OS RESULTADOS DA INDÚSTRIA DE SOFTWARE FORAM PROVOCADOS PELO AQUECIMENTO DA DEMANDA, NÃO APENAS VOLTADOS A PROJETOS VISANDO RESULTADOS DE CURTO PRAZO E COM FOCO EM OTIMIZAÇÃO DE CUSTOS, COMO EM 2003, MAS VISLUMBRANDO AS POTENCIALIDADES DO ALINHAMENTO ENTRE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E NEGÓCIOS. DE ACORDO COM DADOS DA IDC, O SOFTWARE MOVIMENTOU NO BRASIL US\$ 1,7 BILHÃO EM 2004. O CRESCIMENTO DE POUCO MAIS DE 7% SUPEROU A MÉDIA MUNDIAL. NO INÍCIO DESTA ANO, A IDC REALIZOU UMA PESQUISA COM 139 DAS 500 MAIORES EMPRESAS DO PAÍS APONTARAM COMO PRIORIDADE PARA A ÁREA DE TI A MELHORIA DE PROCESSOS, PRINCIPALMENTE OS DE LOGÍSTICA E PRODUÇÃO. O MOVIMENTO EVIDENCIA QUE O DISCURSO DE ALINHAMENTO ENTRE TI E AS DEMAIS ÁREAS DE NEGÓCIOS COMEÇOU A SE TORNAR REALIDADE.

“A TI não é mais vista apenas do ponto de vista técnico-operacional, com decisões restritas aos CIOs, mas do ponto de vista do negócio e da estratégia, envolvendo executivos de todas as áreas funcionais nas decisões”, observa Ivair Rodrigues, gerente de pesquisa da IDC. A pesquisa apontou ainda mudanças nas prioridades para a área de TI. As questões de curto prazo, relacionadas exclusivamente à redução de custo, aos poucos foram sendo substituídas por aquelas de médio prazo, envolvendo melhorias de processos que exigem tempo maior para serem avaliados e redesenhados, e que amadurecem depois de implementados.

Outro alento para o setor foi a maior participação dos investimentos em TI em relação ao faturamento global das empresas. De acordo com a 16ª Pesquisa Anual de Administração de Recursos de Informática, realizada pelo Centro de Informática Aplicada (CIA) da FGV, no começo dos anos 90 as empresas brasileiras investiam, em média, apenas 1,5% de seu faturamento líquido em TI. No ano passado, esse valor cresceu para 5,1% – e pode chegar a 6% até 2007. Em 2003, a mesma pesquisa indicava gastos de, em média, 4,9%. Em parte, os resultados se explicam pela diversificação do mercado brasileiro. De um lado, está o alto nível de maturidade de setores como o bancário. De outro, mercados ainda pouco afeitos à TI, representando enorme potencial de crescimento. Os bancos, por exemplo, aplicam 11% de seus resultados em tecnologia, enquanto o setor de serviços, 7,4%, e os supermercados, no fim da fila, menos de 4%. Em relação aos diferentes mercados, o setor financeiro e o governo se mantiveram como os maiores investidores do país. Mas o ritmo caiu. Os bancos, por sua vez, investiram R\$ 4,2 bilhões em inovações tecnológicas em TI e desembolsaram cerca de R\$ 12 bilhões com tecnologia no ano passado, de acordo com dados da Febraban. O desempenho, porém, foi praticamente igual ao de 2003. Considerando-

se apenas aquisição de *software*, foram cerca de R\$ 800 milhões, algo em torno de 15% do que foi faturado pelo setor de *software* como um todo. Já o governo brasileiro gastou US\$ 634 milhões com TI no ano passado, excluídos apenas os serviços, de acordo com estudo realizado pela Frost & Sullivan que desconsidera orçamentos de tecnologia de empresas públicas de setores não fornecedores de soluções para o próprio governo, como Banco Central, Petrobrás e Caixa Econômica Federal. O crescimento foi de 9% sobre o ano anterior. O governo federal foi um que puxou o freio com a adoção do *software* livre. Só com a Microsoft, a conta de *royalties* gira em torno de R\$ 80 milhões anuais, que, calclua-se, sejam reduzidos drasticamente em médio prazo.

### **Segurança, inteligência e continuidade.**

Entre os segmentos mais favorecidos no ano passado, despontam, de um lado, as soluções de segurança, inteligência, continuidade de negócios e governança tecnológica, junto àquelas organizações mais maduras que, possuindo um parque tecnológico mais evoluído, precisam de um aparato tecnológico mais sofisticado para enfrentar ameaças e transformar as informações em ferramentas de suporte à decisão, sem deixar a peteca cair. Não por acaso, os investimentos em melhorias de processos com base em ITIL e Cobit também estiveram entre os interesses das grandes corporações.

Em 2004, as soluções de segurança da informação movimentaram aproximadamente US\$ 300 milhões no Brasil, conforme divulgado durante a Security Week realizada em março deste ano. As fornecedoras de soluções de inteligência, como BI (Business Intelligence) e BPM (Business Performance Management) registraram saltos significativos nos

negócios, com o movimento de consolidação das bases de dados que vem ocorrendo em grande parte das empresas de pequeno e médio portes do país. O destaque ficou para as soluções de *data warehouse*, que representaram 18% do mercado de BI no ano passado, enquanto a representação das ferramentas de relatórios na área de BI tradicional – maior parte do mercado de *software* de BI – se manteve estável.

“Um dos maiores impulsos que o mercado vem recebendo é o fato de que hoje as empresas reconhecem na tecnologia uma real ferramenta de competitividade”, avalia Cássio Dreyfuss, vice-presidente do Gartner para a América Latina. De acordo com ele, é esse o principal motivo, por exemplo, do sucesso que soluções como as de *business intelligence* obtiveram no ano passado. “O Brasil passou praticamente ao largo da grande onda que implantou soluções completas de CRM ao redor do globo, portando ferramentas de BI. A pressão por competitividade é incompatível com bancos de dados isolados e exigiu a integração de diferentes soluções para que as variáveis se transformassem em instrumentos de tomada de decisão”, diz o especialista.

Houve espaço significativo, ainda, para os sistemas de gestão, dando início a uma nova onda de vitalidade ao ERP. De um lado, as empresas de grande porte envolveram-se com atualizações e *upgrades*. Até segmentos geralmente avessos ao uso de soluções desse tipo, como bancos e governos, passaram a adotá-las para processos específicos. “Além de existir uma cultura mais evoluída, o crescimento do número de ofertas permitiu o surgimento de aplicações que somem qualidade, rápida implantação e custo palatável, permitindo sensibilizar o segmento das SMBs”, avalia Dreyfuss.